

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2021.185860

MUSICAR LOCAL - TEMA E VARIAÇÕES

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ MUSICAR
LOCAL

ÉRICA GIESBRECHT

ORCID <http://orcid.org/0000-0003-4134-9543>
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 -
fla@usp.br

ROSE SATIKO G. HIKIJI

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5038-8435>
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508 010 -
fla@usp.br

VITOR GRUNVALD

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8299-6830>
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Bra-
sil, 91509-900 - deptosifch@ufrgs.br

“O semba no morro é fogueira /
o semba que traz liberdade/
o semba de nossa bandeira”
“Poema do Semba”, de Paulo Flores e
Carlos Burity, 1996.

A canção da epígrafe nos é apresentada em um dos artigos deste dossiê. Em três versos, a música angolana nos transporta do morro à nação, ou, nas palavras do autor do artigo, entre local, nacional e global. Nesse dossiê, propusemos reflexões em torno do conceito de *musicar local*, provocando o leitor / ouvinte a percorrer trilhas nas quais fazeres musicais produzem localidades e são por elas afetados.

A noção de *musicar local* vem sendo experimentada em um projeto temático do qual as três organizadoras deste dossiê participam. Desde 2016, temos orientado nossas pesquisas em torno desta expressão que une o conceito de *musicar* – traduzido de *musicking* de Christopher Small – com a noção de localidade, pensada a partir das considerações de autores como Arjun Appadurai e

Ruth Finnegan. *Musicar*, na acepção de Small (1998), é utilizado para se referir a qualquer forma de engajamento com a música, entendida não apenas em seus aspectos formais (a obra musical), mas igualmente como performance, fruição, consumo, transmissão musical etc.

Para esse dossiê, recebemos contribuições de autoras e autores que trabalham com a noção de *musicar local* e suas interfaces, discutindo casos etnográficos específicos a partir dos quais essa noção ganha luz, e adicionando discussões conceituais em torno desse campo de reflexão. Dentre as contribuições, há pesquisas que integram o projeto “O *musicar local* – Novas trilhas para a etnomusicologia” (Fapesp 2016/05318-7) e outras que trazem perspectivas diversas, aceitando o desafio de compor campos etnográficos utilizando como tema nossa proposição.

No artigo que abre o dossiê, “O *musicar local* e a produção musical da localidade”, Suzel Reily, coordenadora do temático mencionado, apresenta a fundamentação teórica e metodológica que a autora e os demais pesquisadores do projeto têm construído para refletir sobre a relação entre *musicar* e localidade, aplicando-a a alguns casos etnográficos. Seguindo Suzel, entendemos como o conceito de *musicar local* une o mundo material ao imaterial, mostrando que a prática musical ocupa, transforma e subverte espaços físicos: as ruas de Campanha (MG), a periferia de Recife (PE), as cidades marcadas pelo *apartheid* na África do Sul.

Por outro lado, o *musicar* também é construído pelos espaços físicos, desde a acústica íntima do barzinho onde se criou a bossa nova, à imensidão das ruas que se quer ganhar, com o som poderoso das alfaias de maracatu. *Musicar* é tecnologia de transformação de espaço, como afirma Appadurai (1996), fazendo do lugar um espaço de fato, ou na apropriação da autora do conceito de de Certeau (1998), “lugar praticado”.

A localidade, no contexto das pesquisas aqui apresentadas, bem como da proposta elaborada por nós no dossiê, é fruto de um duplo deslocamento. Primeiramente, tal como retomado no artigo de Suzel Reilly a partir da diferença entre espaço e lugar proposta por Michel de Certeau, não se trata de um ambiente físico apriorístico, mas sempre daquilo que emerge como resultado, efeito de um conjunto heterogêneo de relações sociais em constante interação e, portanto, mudança.

Partimos do pressuposto de que o *musicar*, como “tecnologia coletiva de interatividade” (Appadurai 1996), é um dos pontos nodais a partir dos quais essa “estrutura de sentimentos” encarnada pela localidade é configurada. Adicionalmente, sendo o processo multidirecional por excelência, a própria dinâmica construída em uma localidade também afeta, a seu turno, esse *musicar*. Ao qualificar o *musicar* como local, portanto, marca-se,

como dissemos, que fazeres musicais constroem localidades e são por ela construídos.

Por outro lado, e como corolário, há também um movimento no sentido de pensar como a noção de localidade evoca sentidos de comunidade e pertencimento. Estes sentidos se reconfiguram não apenas através de práticas e performances musicais, mas também a partir daquilo que essas expressões mobilizam em termos de vínculos políticos de formação de grupos cujas propostas não colocam em evidência apenas um estado de coisas, mas também, como afirma novamente Suzel no artigo publicado no dossiê, a “construção coletiva de um espaço em que se almeja viver”.

Ainda que dentro de particularidades inerentes, tanto os artigos de Meno Del Picchia quanto de Raquel Martins operam dentro e a partir desse campo de problemas de pesquisa. Em “Fluxos, quebrada e musicar funk – se sentir dentro da música”, artigo sobre os “fluxos” de funk em um bairro periférico na zona sul de São Paulo, Meno parte da noção de musicar como quaisquer atividades de engajamento com a música (e não apenas práticas musicais *tout court*) para refletir sobre como, nesse universo de interação, potentes sistemas de som também musicam em interação com corpos ali presentes. Esses corpos são tanto aqueles que “comandam” os ditos aparelhos quanto as pessoas que, com a música, dançam e, portanto, participam desse *musicar* na criação de uma passagem sonora particular.

No artigo “Espaços físicos e afetivos do funk: o musicar local das festas lésbicas de São Paulo”, Raquel Martins etnografa eventos que fazem parte da cena de festas lésbicas também na cidade de São Paulo, como “Sarada do Brejo” e “Fancha”, e nos propõe que o musicar que emerge nessa confluência de interações participa na (con)formação de uma localidade cujos sentidos são interpenetrados por políticas corporais de valorização do corpo lésbico, mas também gordo e negro.

Ambos os campos se encontram numa sonoridade própria, o *funk*, e seus musicares, distintos sob muitos aspectos, põem em cena corpos periféricos e/ou marginalizados como lugar de aclamação de uma outra comunidade imaginada (Anderson 1983) que, enquanto localidade, é também uma “conquista social inerente frágil”, como pontua novamente Appadurai. Diante disso, a necessidade da localidade ser feita e refeita a todo momento, afirmada em sua prática cotidiana de fazer pertencimento e mundo através de um *musicar*.

Em diálogo com esses artigos, está também a pesquisa apresentada no livro de Angela Impey, “Song Walking: Women, Music, and Environmental Justice in an African Borderland”, resenhado para a GIS por Érica Giesbrecht. Ao examinar a prática do Isitweletwele por mulheres habitantes

da região transfronteiriça entre África do Sul, Moçambique e Essuatini (antiga Suazilândia), Impey percebe práticas de resiliência e memória numa população marcada por contínuas remoções e privações de bens naturais. Por meio das canções performadas com o pequeno arco bucal, durante suas caminhadas pelos campos cujo acesso ainda lhes é permitido, mulheres idosas, pertencentes a diferentes povos habitantes da região, reverberam suas narrativas subalternas sobre a dinâmica política das fronteiras. Dessa maneira, assim como nos artigos de Paulo Menotti del Picchia e Raquel Martins, deslocamentos, corporalidades e narrativas subalternas se cruzam tendo como ponto comum o encontro de políticas e poéticas do *musicar* na construção de localidade.

Outra resenha que integra o dossiê apresenta o livro *The Routledge Companion to the Study of Local Musicking*, organizado por Suzel Reily e Katherine Brucher, e premiado em 2019 com o Ellen Koskoff Edited Volume Prize, da Society for Ethnomusicology. A obra, resenhada por Gibran Teixeira Braga, é fruto dos projetos de pesquisa “Local Musicking in Cross-Cultural Perspective” [Musical Local em Perspectiva Transcultural], realizado no Reino Unido entre 2014 e 2015 e do projeto temático que integramos, desenvolvido entre o Instituto de Artes da Unicamp, os Departamentos de Antropologia e Música da USP, e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). A coletânea conta com dezenas artigos de etnomusicólogos e antropólogos de diversas nacionalidades, incluindo pesquisas recentes realizadas no Brasil. Dentre as temáticas abordadas no dossiê, estão as noções de autenticidade e tradição no musical local; a relação entre participação e apresentação, tematizada por Thomas Turino (um dos autores da coletânea) e por pesquisadores que vão abordar corais alemães, jovens músicos groenlandeses, o jongo em Campinas ou a audiência participativa de uma Estação de Rádio Comunitária em Chicago; as relações entre local e global em *musicares* via YouTube ou em movimentos migratórios; as imbricações entre prática musical comunitária e cidadania, seja entre os *coloured* na África do Sul ou em corais portugueses; as conexões entre música e comunidade nas igrejas pentecostais nigerianas na Grécia, ou em uma releitura da obra de John Blacking entre os Venda.

Algumas das temáticas abordadas na coletânea premiada são também abordadas nos artigos deste dossiê. Em contexto etnográfico diverso, as relações entre o local e o global são objeto do artigo de Andre Castro Soares, “Sembapatrimônioimaterial.com: performances locais, narrativas nacionais imaginadas, diálogos a partir do terreno”, que aborda o semba, os caminhos de seu reconhecimento como patrimônio imaterial, tanto pela UNESCO quanto pelo Ministério da Cultura de Angola, bem como o papel de um site colaborativo para a divulgação de músicos consagrados do estilo.

Soares evidencia como a prática musical é capaz de redefinir e transitar por espaços tradicionalmente compreendidos como local, nacional e global.

A produção de *sembapatrimônioimaterial.com* é estratégia metodológica a partir da qual o pesquisador observa dissensos (Rancière e Corcoran 2010) nas visões e versões patrimoniais do presente para o passado (Macdonald 2013). O semba é “visto como local, mas sentido como expressão nacional” por parte de seus interlocutores. Se é desenvolvido como ritmo próprio de Luanda, passa a corresponder a um “sentimento ligado à nação angolana e até à produção de angolanidade”. O autor destaca fricções e complementariedades entre uma “comunidade imaginada”, seguindo a proposição de Benedict Anderson (1983), e as “comunidades de prática” do semba, que experimentam performances em constante transformação.

Se a primeira noção prende o semba ao passado e à ideia de Estado-nação angolano, a ideia de comunidade de prática, desenvolvida por Wenger e Trayner (2015), explica a união de pessoas em torno de práticas comuns, que muitas vezes resultam em um mesmo objetivo, sentidos de pertencimento e identidades compartilhadas. Percebemos, assim, as possíveis aproximações entre as diferentes noções de “comunidade” e a de “localidade”, especialmente cara às reflexões sobre o musicar local.

Também atento a essas dinâmicas, em “Arrullando a la virgen. Negociaciones sonoras durante la celebración de las balsadas en guapi (Pacífico colombiano)”, Juan Pablo Estupiñán Bejarano mostra como as *balsadas* engajam e transformam a localidade como um todo, envolvendo residentes (músicos, comerciantes, religiosos e demais participantes) e turistas. Em sua incursão etnográfica, apresenta uma descrição densa desse cortejo de balsas, na qual os participantes realizam negociações em torno da recepção da Virgem também através do plano musical, que se desenvolve em sucessivas etapas da celebração cujos ethos são musicalmente demarcados. Durante as *balsadas* é o musicar que direciona comportamentos e as relações dos participantes entre si e com a localidade.

Este artigo dialoga com “O musicar do atajo de negritos da família Ballumbrosio: uma etnografia da performance”, texto de Ellis Regina Sanchez sobre os *atajos de negritos*, reconhecidos como patrimônio peruano e que reúnem elementos musicais afro-peruanos e europeus. A autora examina relações entre grupos musicantes, dinâmicas de ensaio, questões levantadas a partir do momento em que a celebração se torna patrimônio cultural da nação peruana e condutas normatizadas em torno da família Ballumbrosio. Ao mesmo tempo, o artigo nos apresenta as relações entre o musicar e a localidade, que também se modifica para a recepção de turistas, divide-se territorialmente em espaços de práticas musicais dos diferentes grupos e abarca transmutações ritualísticas, que vão desde a

conversão dos negritos (mouros) em cristãos até a consumação de todos artefatos rituais pelo fogo.

Já extrapolando os limites de uma localidade única, o artigo de Cristina de Branco e Mariana Santos Teófilo, “Musicando translocalidades imigrantes aymaras e quechuas em São Paulo”, explora a performance musical de grupos de flautas e danças de povos originários do altiplano boliviano que ocupam as cercanias do Brás, em São Paulo. As autoras destacam as atividades desenvolvidas no Centro Cultural Kollasuyo Maya, no qual grupos performáticos trazem, através da música e da dança, cosmogonias que permeiam uma teoria organológica das flautas e marcam ciclos sazonais e agrícolas em seus locais de origem. Através de suas performances, tais grupos negociam identidades altiplânicas (locais) e bolivianas (plurinacionais), com instâncias de governo brasileiras, bem como com outros grupos imigrantes. Além disso, explorando a noção de redes transnacionais (Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton 1992), as autoras também abordam como os grupos de São Paulo se relacionam com outros similares, presentes em outras capitais sul-americanas, identificando diálogos musicais transcontinentais.

Os três últimos artigos que comentamos aqui tem em comum a reflexão sobre a pesquisa etnomusicológica e o fazer audiovisual. No projeto temático, temos refletido sobre “tecnologias de interatividade” que são acionadas na produção do musicar local. Quando iniciamos o projeto, em 2016, não imaginávamos que viveríamos a partir de 2020 a crise mundial da pandemia da Covid-19, e um momento único de mediação de relações por meio de aparatos tecnológicos. A reflexão sobre a produção e circulação de imagens e sons nos contextos pesquisados ganha outra dimensão em momentos de isolamento social.

Antes da pandemia, vínhamos refletindo sobre o uso do audiovisual na etnografia, seja para abordar o *flow* de performances musicais participativas (Vilella no prelo), as atmosferas e modulações em experiências de fruição musical (Leaha 2019; 2020), as colaborações com sujeitos na construção de conhecimento (Chalcraft e Hikiji 2020), os aspectos sensíveis da dimensão cotidiana (olfato, paladar, tato) que se integram ao musicar, tão difíceis de serem descritos na escrita acadêmica, mas aproximáveis com imagens em movimento e sons ou na escrita poética.

O artigo de Luiza Fernandes Coelho, “Retratando o musicar do bumba meu boi no audiovisual”, se aproxima da abordagem de Alice Vilella e Hidalgo Homero (2018), para refletir sobre como o bumba meu boi, musicar de caráter essencialmente participativo (Turino 2008), é traduzido para a linguagem audiovisual em três produções: Guriatã (Renata Amaral 2018), Taquaras, Tambores e Violas, (Hidalgo Romero 2018) e Brilho da Noite

(Priscilla Ermel 2004). A autora realiza comparações, levando em conta formas de apresentação das personagens, tempo de pesquisa e gravação, arco narrativo, estética de imagem, recursos de montagem, uso de entrevistas e formas de abordagem do aspecto participativo nos três filmes.

Em “Conexões sensíveis: seguindo a trilha etnobiográfica de um músico chaquenho”, Maria Eugênia Domingues olha para sua própria experiência como realizadora de *Pascual Toro, flautero*, um filme que retrata um mestre da tradição do Arete, um rito celebrado anualmente na época do carnaval em muitas comunidades no sudeste da Bolívia, no norte da Argentina ou no oeste do Paraguai. Pascual Toro, seu protagonista, é um guarani morador da comunidade de Santa Teresita, Boquerón, no Paraguai, e no filme sua narrativa descreve o longo trajeto que o levou a ser *flautero* no principal ritual dos guarani do Chaco boreal paraguaio. Para a autora, a etnobiografia é um caminho para a compreensão das conexões que seu protagonista e seu povo tecem entre domínios que no fazer musical ocidental geralmente aparecem separados. Do ponto de vista metodológico, a autora destaca, na inspiração de Prelorán, o caráter participativo de sua câmera, a produção compartilhada de conhecimento entre antropólogo e sujeitos pesquisados, e a atenção à etnobiografia, como possibilidade de compreender a vida e a filosofia de pessoas reais, abandonando noções como ‘comunidades’ ou ‘sociedades’. Destaca ainda a importância do som em seus filmes, com a construção de paisagens sonoras, compostas de vozes, sons de atividades humanas, de animais e de outros elementos sonoros. No artigo, Maria Eugênia discute ainda a individualidade e coletividade artística, o papel dos ritmos e das repetições nas expressões guaranis, bem como as articulações entre as múltiplas formas expressivas presentes no Arete (dança, música, drama) do ponto de vista nativo mostrando, no processo de construção de uma biografia audiovisual, como o *musicar* de seu interlocutor se situa e atravessa dimensões sociais experimentadas por toda a comunidade.

Finalmente, em “Um ouvido no fone e o outro na cidade: por uma representação audiovisual do musicar local”, texto escrito a muitas mãos, nos aproximamos de possibilidades etnográficas do uso do audiovisual para compreender musicares diversos, urbanos, mesmo no contexto do isolamento social. A relação complexa entre “querer escutar” e “precisar ouvir” é explorada no artigo “Um ouvido no fone e o outro na cidade: por uma representação audiovisual do musicar local”, no qual os oito autores apresentam suas estratégias de utilização do audiovisual para representar as características e as possibilidades do *musicar* de riders – entregadores(as) de comida por aplicativo, brasileiras e brasileiros que moram em Dublin e que têm a música como parte essencial da sua rotina de trabalho. Este *musicar* constitui-se como uma escuta plural, que engloba sons desejados, sons necessários, inevitáveis e, algumas vezes, indesejados. Paralelamente a uma discussão sobre as diferenças

entre o escutar e o ouvir, os autores se dedicam a pensar como construir uma representação sensorial do *musicar* que perpassa as relações de trabalho, de afeto e de localidade. Ao longo de trilhas espaciais e sonoras pela cidade, os participantes do filme revelam a relação entre o prazer da escuta, em seus fones de ouvido, de sons que escolhem desfrutar enquanto trabalham (diversos gêneros musicais, brasileiros ou não, bem como *podcasts* de notícias e instrução) e o risco que essa escuta passa a oferecer quando encobre os sons da cidade, aos quais precisam estar atentos se não quiserem se acidentarem.

Das ruas de Angola cantadas no Semba às vias de Dublin enfrentadas no pedal sonorizado de entregadores durante a pandemia, este dossiê propõe o *musicar* como potência transformadora de *lugares* – entendidos por de Certeau (1998) como entidades estáticas que agrupam elementos – em *espaços*, “lugares praticados”, produzidos por ações, movimentos e prática. Em tempos de isolamento social, quando cantar em público é atividade de risco e o próprio direito à respiração revela-se limitado (Mbembe 2020), a busca por práticas que produzam “estruturas de sentimentos” (Appadurai 1996), que estabeleçam terrenos “de habitação, produção e segurança moral para a população”, demandam “um esforço coletivo contínuo”, como lembra Suzel Reily, no texto que abre este dossiê, que convidamos todos a ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, Benedict R. O’G. 1983. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Revised edition. Londres: Verso.
- Appadurai, Arjun. 1996. The Production of Locality. In: *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*, editado por Arjun Appadurai, 178-99. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bertho, Renan Moretti, Alexsânder Nakaóka Elias, Brenno Brandalise Demarchi, Anna Hartmann, Arthur Silva Barbosa, Luiz Henrique Campos Pereira e Noelle Rodrigues Ventur. 2021. Um Ouvido No Fone E O Outro Na Cidade: Por Uma Representação Audiovisual Do Musicar Local. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil:e-176158. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.176158>.
- Braga, Gibran Teixeira. 2021. Musicando Localidades, Localizando Musicares (Resenha). *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil:e-178244. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.178244>.
- Branco, Cristina de e Mariana Santos Teófilo. 2021. Musicando translocalidades imigrantes aymaras e quechuas em São Paulo. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-176158. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.174364>.
- Chalcraft, Jasper e R. S. G. Hikiji. 2020. Collaborative post-production. In: *The Routledge International Handbook of Ethnographic Film and Video*, Phillip Vannini (Org.). 1ed. Abingdon/ New York: Routledge, v. 1: 214-223.
- Coelho, Luiza Fernandes. 2021. Retratando o musicar local do bumba meu boi no audiovisual. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-175861. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175861>

- De Certeau, Michel. 1998 [1980]. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Picchia, Meno. 2021. Fluxos, quebrada e musicar funk – se sentir dentro da música. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-175272. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175272>.
- Domínguez, María Eugenia. 2021. Conexões sensíveis: Seguindo a Trilha etnobiográfica De Um Músico Chaquenho. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-174319. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.174319>.
- Estupiñan, Juan Pablo. 2021. Arrullando A La Virgen. Negociaciones Sonoras Durante La Celebración De Las Balsadas En Guapi (Pacífico Colombiano). *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-175880. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175880>
- Giesbrecht, Érica. 2021. Amaculo Manihamba: Canções De Caminhar De Mulheres De Uma região transfronteiriça Ao Sul Do Continente Africano (Resenha). *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-176168. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.176168>.
- Glick Schiller, Nina e L. Basch and C. Blanc Szanton. 1992. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. In *Annals of the New York Academy of Science*.
- Hermoza, Ellis Regina Sanchez. 2021. O Musicar Do Atajo De Negritos Da Família Ballumbrosio: Uma Etnografia Da Performance. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-175860. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175860>
- MacDonald, Sharon. 2013. *Memorylands*. Londres: Routledge.
- Martins, Raquel Mendonça. 2021. Espaços Físicos e Afetivos Do Funk: O Musicar Local Das Festas Lésbicas de São Paulo. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-175893. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.175893>
- Mbembe, Achille. 2020. O direito universal à respiração. Recuperado de https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf
- Rancière, Jacques e Steve Corcoran. 2010. *Dissensus: on politics and aesthetics*. Nova Iorque, EUA: Continuum.
- Reilly, Suzel Ana. 2021. O Musicar Local e a Produção Musical da Localidade. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-185341. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.185341>
- Romero, Hidalgo e Alice Villela. 2018. Quando a roda acontece: o audiovisual como tradução da experiência na performance musical participativa. In: *ANAIS do SIPA - Seminário Imagem, Pesquisa e Antropologia*. Unicamp.
- Small, Christopher. 1998. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct: Wesleyan University Press.
- Soares, Andre Castro. 2021. "Sembapatrimônioimaterial.com: Performances Locais, Narrativas Nacionais Imaginadas, diálogos a Partir Do Terreno". *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil: e-174219. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.174219>.
- Turino, Thomas. 2008. *Music as Social Life: the politics of participation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Wenger-Trayner, Etienne e Beverly Wenger-Trayner. 2015. *Communities of practice: a brief introduction*. Communities of practice, n. 5: 8. Disponível em: <https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2015/04/07-Brief-introduction-to-communities-of-practice.pdf>. Webgrafia.



ÉRICA GIESBRECHT é etnomusicóloga e, desde 2007, vem realizando pesquisas sobre música e dança, também explorando o potencial da etnografia visual como meio de conhecimento expressão. Foi professora visitante do Instituto Vilallobos da Unirio (2018-19) e Chair in Music Visiting Professor Fulbright no Departamento de Folclore e Etnomusicologia da Universidade de Indiana-Bloomington (2019). E-mail: egiesbrecht@gmail.com

ROSE SATIKO G. HIKIJI é professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Coordenadora do PAM - Pesquisas em Antropologia Musical, vice-coordenadora do GRAVI e membro do NAPEDRA. Suas pesquisas e filmes etnográficos abordam a música e arte de moradores da periferia paulistana e de africanos recém-chegados a São Paulo. É bolsista de produtividade do CNPq e pesquisadora principal do projeto temático «O musicar local - Novas trilhas para a etnomusicologia» (Fapesp 2016/05318-7) . E-mail: satiko@usp.br

VITOR GRUNVALD é professor de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenador do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual-UFRGS) e do Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (GRUA-UFRJ). Com formação em cinema, realiza experimentações com a imaginação etnográfica e trabalha com arte, imagem, performance e marcadores sociais da diferença. E-mail: vgrunvald@gmail.com

Contribuição de autoria. Érica Giesbrecht, Rose Satiko G. Hikiji, Vitor Grunvald: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.